

## CONVERSAÇÕES SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE, TEORIA *QUEER* E EDUCAÇÃO: ENTREVISTA COM GUACIRA LOPES LOURO

Vilma Nonato de Brício<sup>1</sup>

[vilma@ufpa.br](mailto:vilma@ufpa.br)

A trajetória de pesquisa da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Guacira Lopes Louro contribuiu para a constituição e a consolidação do campo de estudos sobre gênero, sexualidade, teoria *queer* e educação no Brasil. Pesquisadora da temática desde a década de 1990, quando traduz o Artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” de Joan Scott (Porto Alegre: Faculdade de Educação UFRGS, 1990) e organiza o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero ([www.ufrgs.br/faced/geerge](http://www.ufrgs.br/faced/geerge)) da UFRGS, em 1990), onde continua atuando como pesquisadora, Guacira desempenhou papel fundamental na formação GE 23 da ANPED “Gênero, Sexualidade e Educação”, em 2004, transformado em GT em 2005, constituindo-se um importante espaço institucional de debate crítico sobre a temática. Desta forma, o quarto número da Revista Artíficos com o Dossiê “Educação, gênero e Sexualidade” apresenta uma entrevista com Guacira Lopes Louro, com o anseio de traçar um panorama da abordagem da temática no campo educacional e analisar as provocações da teoria *queer* à educação contemporânea.

Mesmo dispensando apresentações, é importante destacar que a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Guacira Lopes Louro** é Licenciada em História, mestra em Educação pela UFRGS e doutora em Educação pela UNICAMP. Aposentou-se como professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1993, e permaneceu colaborando em atividades de docência e orientação de teses no Programa de Pós-graduação em Educação até dezembro de 2011, quando se afastou. Mantém até hoje seus vínculos com o GEERGE. Tem várias publicações na área de gênero, sexualidade, teoria *queer* e educação em revistas e livros nacionais e estrangeiros. Entre os livros de sua autoria destacam-se: *Gênero, sexualidade e educação* (Ed. Vozes, 1997); *Currículo, gênero e sexualidade*, publicado em Portugal (Porto Editora, 2000); e a organização de *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (Autêntica, 1999). É autora do livro *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*

(Autêntica, 2004). Atualmente Guacira tem se dedicado a pesquisas sobre a teoria *queer* e o cinema em sua relação com a educação.

Realizar esta entrevista com a Prof.<sup>a</sup> Guacira Louro constituiu-se em um enorme prazer, uma forma de estabelecer uma interlocução direta com uma de minhas primeiras intercessoras na discussão sobre gênero e educação por meio do Artigo “Uma leitura da “História da Educação sob a perspectiva do gênero”<sup>2</sup>, que li em 1999.

**Vilma Nonato de Brício** - Tentei fazer uma apresentação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Guacira Lopes Louro, não na tentativa de capturar uma identidade, mas de pensar em “posições de sujeito” assumidas ao longo de sua história. Nesse sentido, gostaria de iniciar com estas questões: Quem é Guacira Louro? O que a motivou a debater gênero e sexualidade em educação? Como foi sua trajetória até o debate de gênero e sexualidade?

**Guacira Lopes Louro** - Como já sugeres na questão, seria difícil e também um tanto incoerente responder “quem sou”, por supor que vivemos sempre no movimento e na incompletude. Posso dizer que sou uma pessoa inquieta, me interesso por muitas coisas ao mesmo tempo e gosto de estar com gente; mas se tivesse de buscar uma característica mais constante em minha vida, diria que sou uma “professora”. Já trabalhava como professora quando comecei a faculdade (havia feito a escola normal). Então, depois de concluir o curso de História, fiz concurso para a Faculdade de Educação da UFRGS, onde acabei construindo toda minha carreira acadêmica. O interesse pelas questões de gênero e sexualidade provavelmente estão vinculados à minha própria experiência como mulher atenta às coisas de seu tempo, às significativas mudanças culturais e sociais que, muito jovem, vivi e observei, principalmente a partir do final dos anos 1960. Além desse contexto social mais amplo, costume identificar como especialmente significativo para meu interesse na área de gênero e sexualidade a minha atividade como professora de História da Educação, no curso de Pedagogia. Nessas aulas, as estudantes (o curso era e ainda é majoritariamente feminino) me questionavam sobre a ausência das mulheres nos textos oficiais, nos relatos e documentos. De fato, quando mencionada, a educação feminina costumava ficar restrita a notas de rodapé ou a pequenas seções e subcapítulos. Essa ausência ou esse silêncio me levou a propor o tema (a história da educação da mulher no Rio Grande

do Sul) como anteprojeto de tese, ao me candidatar a uma vaga no curso de doutorado da Unicamp, no início dos anos 1980.

A tese, afinal, acabou enfocando a educação de mulheres numa escola tradicional do Rio Grande do Sul, o Instituto de Educação de Porto Alegre. Não por acaso, tinha sido nessa escola que eu havia estudado desde o jardim de infância. Por isso, talvez seja possível dizer que, de algum modo, eu acabaria realizando uma reflexão sobre minha própria trajetória (ou pelo menos sobre uma parte significativa de minha trajetória) como mulher e professora, junto com a análise cultural mais ampla.

Concluído o doutorado, retornei à UFRGS, ingressei como docente no Programa de Pós-graduação em Educação e ali passei a oferecer seminários avançados sobre a temática: inicialmente, *Mulher e Educação*, depois *Educação e Relações de Gênero* e, mais adiante, *Gênero, Sexualidade e Educação*. Em 1990, juntei um grupo de estudantes mais interessadas e fundamos o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero), que continua ativo até hoje. Posso dizer então que foi um mergulho nos estudos feministas que me levou ao conceito de gênero, e foram as demandas das professoras e professores nas salas de aulas que, logo a seguir, passaram a exigir minha atenção aos estudos sobre sexualidade.

**Vilma** - Entendi. A sua Tese de Doutorado foi uma de suas primeiras publicações foi sobre a história da educação feminina no Rio Grande do Sul, em que analisa a submissão e a resistência das mulheres nas escolas femininas. A tradução do Artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, de Joan Scott, na década de 1990, no Brasil, foi considerada um marco nas problematizações das relações de gênero. A emergência de gênero como categoria de análise não produziu uma certa “territorialização” das identidades de gênero, mesmo quando pretende desconstruir as oposições binárias?

**Guacira** - Entendo que esse texto de Joan Scott é um marco no campo dos Estudos Feministas. De um modo ou de outro, praticamente todas as estudiosas feministas contemporâneas se remetem ou se referem a esse artigo. Scott propõe que se deixe de focar exclusivamente a mulher ou as mulheres e se passe a pensar na potencialidade do gênero (um conceito que surgiu no próprio contexto da luta feminista). Acentuando o caráter construído e relacional do gênero, ela chama atenção para como (e quanto) a produção de feminilidades está implicada na produção de masculinidades e vice-versa; além disso, o que é especialmente significativo, [é que] ela sugere que, no contexto das relações de gênero, se compreenda o poder de um modo mais complexo e não restrito à noção de um polo dominante, o

masculino, e um dominado, o feminino. Scott se aproxima da noção foucaultiana de poder o que implica ver o poder como algo disseminado, que se exerce em rede e que é atravessado por resistências, cumplicidades. A introdução do conceito de gênero no campo feminista (algo que não é, afinal, obra exclusiva de Joan Scott, mas que seguramente teve nela uma importante promotora) revelou-se extremamente produtiva e representou uma espécie de “virada” nas pesquisas e atividades que desde então passaram a ser realizadas.

Por certo, há que se reconhecer que esse conceito também foi alvo de críticas e de polêmicas. Mas afinal é assim que se constroem as teorias. Debates são indispensáveis para a vitalidade de qualquer campo teórico. Vale notar, também, que o conceito de gênero foi e vem sendo lido a partir de várias perspectivas. No GEERGE, buscamos compreendê-lo numa ótica pós-estruturalista. Nesse sentido, a noção de desconstrução (que a própria Joan Scott já sinalizava em seu texto, remetendo-se a Derrida) deve ser acionada para analisar e pôr em questão os binarismos de gênero. Questões ligadas à desconstrução, à agência, à própria noção do poder são alguns dos pontos de discussão entre as estudiosas. As problematizações levantadas por Judith Butler, por exemplo, parecem-me particularmente instigantes e pertinentes.

**Vilma** - Porque entrar no debate da teoria *queer*? A teoria *queer* não admite paragens seguras, ancoradouros identitários, pois vê com bons olhos as travessias, de pensamentos, de práticas, de fronteiras disciplinares, de gênero, de sexualidade, mas ao definir algumas terias como *queer*, não se estaria fixando identidades e construindo uma nova polarização, o *queer* e o não-*queer*, e não se correria o risco de institucionalizar a teoria *queer*?

**Guacira** - Comentei antes que um campo teórico “vive” de debates e questionamentos. Os estudos de gênero e sexualidade obviamente não escapam desse movimento. Contemporaneamente têm se tornado mais visíveis as múltiplas possibilidades de viver ou de experimentar os gêneros e a sexualidade, as distintas posições de sujeito e seus atravessamentos. Então, as tentativas de classificar, nomear, definir vão sempre se mostrar falhas. O que se tem chamado de teoria *queer* (e esse talvez não seja um bom nome, na medida em que pode sugerir certo ‘corpo de conhecimentos’, lembrar algo um tanto mais estruturado ou sistematizado do que, efetivamente, constitui o movimento e os estudos *queer*) parece reunir um conjunto de teorizações ou de ideias receptivo a tal instabilidade e mobilidade. Movimento é uma das características do *queer*. Ora, lidar com noções que são de certo

modo 'escorregadias' costuma trazer desconforto. Então, há sempre o risco de tentar 'organizar' algo que parece escapar, buscando cristalizar noções que resistem à definição. No campo da educação, por exemplo, percebo, às vezes, ensaios para "introduzir" o *queer* no currículo, quer dizer, tentativas de "institucionalizar" o *queer*, que, em outras palavras, poderia significar "normalizar" um movimento que aspira a não-normalização.

**Vilma** - Como Você vê, a recepção do debate sobre gênero, sexualidade e teoria *queer*, pelos Estudos da Mulher e pelos Movimentos Feministas?

**Guacira** - Já experimentei em algumas mesas-redondas e encontros acadêmicos situações de discordância, fortes questionamentos. Como bem sabemos, esses campos teóricos – dos estudos feministas, gays, lésbicos, *queer* – constituíram-se muito articulados aos movimentos sociais. Acho que é importante reconhecer isso: nós trabalhamos em campos que são teóricos e políticos. No meu entender, essa é uma marca vital que deve ser valorizada. Vale lembrar também que são muitas (e diversas) as correntes que constituem esses campos. Por tudo isso, nossos debates costumam ser intensos. Mas isso me parece muito produtivo.

**Vilma** - Em *Um corpo estranho*<sup>3</sup>, você traz uma série de questionamentos sobre uma possível articulação entre a teoria *queer* e a educação: "Como um movimento se remete ao estranho e ao excêntrico pode articular-se com a Educação, tradicionalmente o espaço da normalização e do ajustamento? Como uma teoria não propositiva pode 'falar' a um campo que vive de projetos e de programas, de intenções e de planos de ação? Qual o espaço, nesse campo usualmente voltado ao disciplinamento e à regra, para a transgressão e para a contestação?" (p.47)<sup>4</sup>. Afinal, é possível pensar em uma pedagogia *queer*? Não se corre o risco de construir novas receitas para pensar a educação?

**Guacira** - Ensaiei algo nessa direção ao responder a uma pergunta que me fizeste antes. Sim, acho que se corre o risco de institucionalizar e disciplinar o *queer* se tentarmos "introduzi-lo no currículo". Há alguns meses atrás (julho 2012), abordei essa questão num encontro intitulado *Queering Paradigms*, realizado no Rio de Janeiro. O que me parece estar em questão é como se compreende o *queer*. Se o compreendêssemos como mais um tipo de sujeito, uma espécie de identidade ampla no interior da qual se abrigariam todos não-heterossexuais, o *queer* entraria na educação escolar ou nos currículos como mais uma identidade "diferente". E algumas estudiosas lembram que os currículos já estão superpovoados de identidades ditas diferentes – mulheres, índios, negros – às quais tudo o que se

costuma dedicar é uma data ou um conjunto de ações que, apelando para a tolerância, acabam por mantê-las numa posição de exceção e inferioridade. Mas podemos pensar o *queer* como um movimento, uma disposição existencial e política, que supõe a ambiguidade, o não-lugar, o trânsito. E é dessa forma que me inclino a pensá-lo, como um movimento pós-identitário. Isso não significa a negação dos movimentos identitários nem a ruptura com esses movimentos, mas se expressa por uma mudança de foco, uma mudança epistemológica. O que se buscaria seria enfatizar mais as práticas do que as identidades e questionar os binarismos sobre os quais se assenta o saber e a cultura dominantes. Em outras palavras, antes de se propor como uma nova identidade e buscar integrar-se ao conjunto da sociedade, o *queer* pode representar o questionamento e a crítica desconstrutiva das normas, da lógica e dos arranjos sociais vigentes. E, se for compreendido dessa forma, o *queer* entraria no currículo para “estranhá-lo”, quer dizer, para provocar mudanças mais radicais no modo de conceber o conhecimento. É nessa direção que trabalho no livro que mencionaste, *Um corpo estranho*. A ideia seria questionar sobre as condições que permitem (ou que impedem) o conhecimento. Quais as condições que possibilitaram que determinadas noções fossem tomadas como verdades e, mais do que isso, fossem consideradas importantes e indispensáveis para serem introduzidas nos currículos e transmitidas de geração a geração? Quais as condições que empurraram para o silêncio outros saberes, que os esconderam ou secundarizaram na sistematização das disciplinas? Talvez um trabalho com esse tipo de questionamento ajude a manter o *queer* mais *queer*.

**Vilma** - Em que medida os estudos de gênero, sexualidade e teoria *queer* tem contribuído para o questionamento da heteronormatividade, da homonormatividade e da homofobia na sociedade contemporânea e na escola?

**Guacira** - Aqui encontro um dos mais significativos pontos de convergência de todos os estudos ligados ao gênero e à sexualidade. Ainda que as várias correntes de estudos feministas, gays, lésbicos, *queer* apoiem-se, eventualmente, em conceitos ou estratégias distintas, elas concorreram e concorrem para demonstrar a heteronormatividade compulsória de nossas sociedades e para denunciar a homofobia. Por certo, ainda são inúmeras as situações de desigualdade, humilhação e sofrimento que meninos e meninas, jovens e adultos experimentam nas escolas e na sociedade mais ampla por conta da forma como vivem sua sexualidade ou seu gênero. Mas não há como negar que avançamos nesse campo. E a ação dos movimentos sociais e dos estudos a eles ligados tem sido crucial.

**Vilma** - Um de seus empreendimentos investigativos é o cinema, mais especificamente as pedagogias de gênero e sexualidade exercidas pelo cinema no Brasil como uma instância pedagógica da contemporaneidade. Quais as potencialidades do cinema na analítica de gênero e sexualidade na educação? É possível afirmar que exista um cinema *queer*?

**Guacira** - Aqui me propões duas questões. Em relação à primeira me sinto um pouco mais segura para responder. Considero o cinema uma instância pedagógica especialmente significativa. Estou convencida, como já afirmei em vários textos e palestras, de que os filmes exerceram e exercem (com grande poder de sedução e autoridade) pedagogias de gênero e de sexualidade sobre suas plateias. Sendo assim, parece-me absolutamente pertinente analisar o impacto ou os efeitos do cinema para a constituição dos sujeitos na contemporaneidade. Sobre a outra questão, referente a um cinema *queer*, não sei se tenho autoridade para responder. Não sou uma *expert* em cinema, apenas uma estudiosa interessada, além de grande fã (acompanho tudo o que posso). O chamado “*New Queer Cinema*” emergiu no início dos anos 1990, por certo em articulação à emergência do movimento e dos estudos *queer*. Mas o que permitiria dizer que um filme é ou não *queer*? Talvez seja apropriado retomar o comentário que fiz anteriormente: *queer* pode ser tomado como uma espécie de expressão guarda-chuva que acolhe todos os sujeitos não-heterossexuais, e nessa direção muitos filmes se intitulam ou são intitulados *queer* simplesmente por apresentarem personagens (ou se dirigirem a plateias) gays, lésbicas, bissexuais; e *queer* também pode ser tomado num sentido mais transgressivo e desconstrutivo, e aí teríamos de pensar em filmes que são mais radicalmente provocativos e desestabilizadores. Tenho muita dificuldade e receio de ensaiar classificações. Para alguns críticos e analistas, os filmes *queer* costumam ser produções independentes, geralmente pouco preocupadas com o chamado “politicamente correto” e usam formas narrativas menos convencionais. Não me atrevo a ir muito além desses comentários, mas acredito, sem dúvida, que as teorizações *queer*, bem como as teorizações feministas, gays e lésbicas podem ser muitíssimo produtivas para “ler” o cinema.

**Vilma** - Prof.<sup>a</sup> Guacira um de seus trabalhos recentes é a tradução do livro: *Judith Butler e a Teoria Queer*, de Sara Salih<sup>5</sup>. Gostaria de perguntar, mesmo que já seja uma pesquisadora da teoria *queer*, leitora de Judith Butler e de outras teóricas *queer*, que inquietações de pesquisa foram provocadas por esta tradução?

**Guacira** - Antes de tudo, devo dizer que essa tradução foi um desafio para mim. É bastante diferente traduzir para estudar ou mesmo para “dar” aulas e traduzir para publicar. Muito especialmente uma autora como J. Butler que faz uso de uma escrita complexa e recorre a um leque de teóricos muito amplo. O livro de Sara Salih, como sabes, está organizado em torno do que poderia ser identificado como cinco áreas especialmente significativas do pensamento de Butler: o sujeito; o gênero; o sexo; a linguagem; e a psique. Traz os argumentos e contra-argumentos que Butler desenvolve sobre esses temas em suas mais importantes obras. Algumas dessas obras eu havia estudado com mais cuidado e haviam sido (e são) referências para minhas pesquisas (especialmente *Gender trouble* e *Bodies that matter*, que são seus livros mais discutidos), mas, com outros textos, meu contato era mais superficial, e esses me instigaram muito ao longo da tradução. Além disso, a forma como o livro de Salih está organizado permite que se apreenda bem o estilo de Butler, o quanto ela desafia a si mesma, o quanto ela se questiona. Salih afirma que Butler tem uma relação dialética consigo mesma, e isso, de certo modo, provoca-nos e nos convoca. Acho que também somos instigadas a ensaiar um modo de ler e de pesquisar menos “conclusivo”, mais aberto (talvez um pouco mais “*queer*”). Para além dessa sugestão de uma atitude diante do conhecimento, alguns temas me interessaram particularmente: tudo o que se refere à linguagem, ao discurso do ódio e à censura.

**Vilma** - Como você vê, na atualidade, a relação entre sua trajetória como pesquisadora e o campo de pesquisa denominado gênero, sexualidade, teoria *queer* e educação no Brasil?

**Guacira** - Não sei como responder essa questão. Por uma série de razões (e algumas delas apontei nesta entrevista), acabei construindo minha vida acadêmica, como professora e pesquisadora, em torno desses temas. Aprendi muito ao longo desses anos, não apenas nos livros e congressos, mas, de modo especial, no contato com as professoras e professores das redes escolares e com os estudantes do pós-graduação. Esses dois grupos são instigantes. Minha escrita e meus estudos têm se feito em torno das questões que eles me propuseram e propõem. Sempre gostei muitíssimo de orientar dissertações e teses e de dialogar com professoras e professores. Suas demandas são quase sempre urgentes e carregadas de emoção. Minha trajetória de pesquisadora, portanto, teve a ver com essas trocas e contatos. Acho que contribuí para esses estudos e fiz isso com prazer.

Quanto ao modo como vejo contemporaneamente o campo, tendo a ser otimista. A produção acadêmica vem aumentando expressivamente, há muitos grupos e núcleos em atividade no país, a

articulação entre movimentos e organizações sociais e centros de pesquisa parece mais frequente ou menos difícil do que há alguns anos. Há mais apoio institucional para a realização desse tipo de estudo e trabalho e, afinal, as possibilidades de contato e debate nacional e internacional ampliaram-se como nunca. Não sou ingênua e sei que nem todos os trabalhos têm a densidade ou a seriedade que seria desejável, mas acho que a crescente visibilidade do campo é muito importante e deve ser saudada.

**Vilma** - Agradeço por Você ter se disponibilizado a estabelecer essa interlocução *virtual* para compor a sessão de Entrevistas da Revista Artíficos e espero podermos continuar essa conversação por outros meios à distância ou presencial.

---

<sup>1</sup> Professora do Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Pará, na linha de pesquisa Educação: currículo, epistemologia e história, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Cristina Silveira Lemos.

<sup>2</sup> LOURO, G. L. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. In: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. v. 11. São Paulo: Brasil, 1994.

<sup>3</sup> LOURO, G. L. **Um Corpo Estranho**: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

<sup>4</sup> Essas inquietações são retomadas em LOURO, G. L. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. Contemporânea. **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, jul/dez 2012, pp. 363-369.

<sup>5</sup> SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.